



CONTAR E FAZER HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO PÓS- PANDEMIA¹

TELLING AND MAKING HISTORY: A POST-PANDEMIC STAGE EXPERIENCE¹

**Mayra Daiane Rodrigues Batista², Daniela Prestes Ribeiro³, Anielli Luiza de Moura⁴,
Filipe Rodrigo Mallmann⁵, Josibeli Iasmine Schtreich⁶, Jéssica de Oliveira Gehlen⁷,
Alex William Kuzniewski Loeff⁸**

1 Estudo vinculado à prática de Estágio Básico em Psicologia, do curso da UNIJUI de Psicologia.

2 Estudante do curso de graduação Psicologia da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), campus Santa Rosa, mayra.batista@sou.unijui.edu.br

3 Estudante do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), campus Ijuí, daniela.ribeiro@sou.unijui.edu.br

4 Estudante do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), campus Santa Rosa, anielli.moura@sou.unijui.edu.br

5 Estudante do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), campus Santa Rosa, filipe.mallmann@sou.unijui.edu.br

6 Estudante do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), campus Santa Rosa, josibeli.schtreich@sou.unijui.edu.br

7 Estudante do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), campus Ijuí, jessica.gehlen@sou.unijui.edu.br

8 Estudante do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), campus Santa Rosa, alex.loeff@sou.unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

Muito ainda se discute acerca de um olhar aprofundado a respeito da infância e suas novas configurações, haja vista os impactos do avanço tecnológico de um mundo globalizado, além das mudanças provocadas pelo período pandêmico na formação subjetiva de crianças e adolescentes que se dá, principalmente, pela ruptura abrupta da rotina (NEUMANN, *et al.*, 2020). E que, conforme pesquisa desenvolvida pela UNICEF (2020), tem se mostrado o público que mais sofreu impactos com a pandemia. Dessa forma, o presente trabalho visa, em consonância com a abordagem psicanalítica, elucidar a importância dos contos como ferramenta terapêutica observados pelos alunos do curso de Psicologia em experiência de



Estágio Básico, por meio do projeto: “Oficina Terapêutica dos contos- contar e fazer história”, como a prática do fazer psicológico.

O projeto tem como livro base: “O terapeuta e o lobo” de Celso Gutfreind (2006), que utiliza os contos infantis como ferramenta para a formação subjetiva e simbolização das dores e angústias evocadas em cada fase do desenvolvimento. O mesmo autor defende a tese de que é possível a busca pela saúde mental por meio de um espaço de expressão que proporcione simbolização, imaginação infantil e espaço de fala, uma vez que os contos têm potencial de promover representação de conflitos inconscientes por manter relativa distância em relação a eles por meio da metáfora. Os contos, portanto, não só proporcionam recursos de elaboração de conflitos psíquicos, mas também favorecem a relação cooperativa entre crianças e adultos, possibilitam identificações e vem a agregar na narrativa do sujeito e construção subjetiva.

Palavras-chave: Conto. Terapêutico. Simbolização. Lúdico. Infância.

METODOLOGIA

O presente trabalho se caracteriza como uma revisão bibliográfica e apresentação de experiência em Estágio Básico I, realizado durante o primeiro semestre do ano de 2022, por estudantes do curso de Psicologia da UNIJUÍ. O estágio tem por objetivo a promoção de um espaço lúdico para a simbolização por intermédio da metáfora do conto infantil, ancorado na metodologia desenvolvida por Celso Gutfreind (2006) em seu livro: “O terapeuta e o lobo”.

A aplicação do projeto consiste na formação de pequenos grupos, sendo crucial que a escolha do conto a ser trabalhado seja guiado conforme a demanda. O projeto abre possibilidade para aplicação em escolas, instituições não governamentais e abrigos, além de contar com uma carga horária semanal de 4h. Num primeiro momento é realizada a contação de histórias, subsequentemente, abre-se espaço para a fala com possibilidade de encenação dos contos e principalmente para a dinâmica dos desenhos (GUTFREIND, 2020, p.133). Portanto, não se trata apenas de um conto que é oferecido às crianças, mas de um conjunto de relações e interações que se instauram na atividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha para a discussão se deu a partir da vivência experienciada dentro do campo de estágio onde pode ser observado junto aos sujeitos que participam do projeto manifestações



tanto verbais quanto físicas referentes à ansiedade. Como o estágio ocorre em um período pós pandêmico, o que suscitou em grande parte das pessoas um aumento significativo nos casos de ansiedade, com pesquisas da UNICEF (2022) apontando que 35% dos jovens entrevistados disseram sentirem-se ansiosos durante este período, demonstra-se válido o uso dos contos como uma ferramenta de elaboração para estes sentimentos remanescentes. Na perspectiva de Corso e Corso:

“Nas crianças, é mais fácil observar o impacto da ficção, elas apegam a alguma história e usam-na para elaborar seus dramas íntimos, para dar colorido e imagem ao que estão vivendo. Elas usam como era usado o mito em sociedades antigas, entram na trama oferecida e tentam encaixar suas questões nos esquemas interpretativos previamente disponibilizados. Ou então se apropriam de fragmentos, como tijolos de significação que combinam à sua moda para levantar a obra de determinado assunto que lhes questiona.” (CORSO E CORSO, 2006, p.29).

Sabendo do potencial do conto para suscitar e organizar na criança possíveis angústias, medos, desejos e mesmo ansiedades é também possível demais ferramentas que permitam para a criança uma elaboração daquilo que está sendo experienciado a partir do conto por meio do lúdico, ou através de desenhos ou em momentos de brincadeira. O que pode ser observado a partir disto, é que a criança encontra no conteúdo sucinto do conto uma associação muito tênue entre realidade e fantasia, levando assim a um momento de desconforto frente à elaboração da questão, sendo um fazer do profissional psicólogo, realizar a escuta e o acolhimento do mesmo, como previsto no Código de Ética do Profissional Psicólogo (2005).

Ademais, as vivências no campo de estágio possibilitaram associações com a teoria. Uma das experiências se deu a partir do trabalho com o conto: “A Bela e a Fera”. O conto em questão tem em sua narrativa, aspectos que são usados na observação das associações, conforme Corso e Corso (2006):

“Embora seja certamente também uma alusão a os casamentos arranjados, que tinham de ser enfrentados pela maior parte das mulheres até o triunfo do amor romântico, não deve ser apenas essa a razão da sobrevivência dessa história até nós. A Bela e a Fera restou como representante de uma vasta linhagem de contos em que o amor precisa transcender as aparências animais para acontecer.” (CORSO E CORSO, 2006, p.167).

Após a contação dessa história, as crianças foram direcionadas para uma brincadeira onde cada um escolheria ser um personagem, não necessariamente da história contada. Dentro



desse contexto, uma das crianças sempre escolhia ser o mesmo personagem proveniente da história de terror. Sendo assim, a partir do desdobramento da escuta, foi possível verificar a origem dessa escolha persistente. Isto é, dentro do contexto de vida da criança houveram acontecimentos que convergem com a história e permitem a identificação, o que Melanie Klein considera precursora do simbolismo infantil (Bégoïn-Guignard, 1985). Portanto, o conto pode provocar diversas formulações que poderão ajudar na elaboração de conflitos psíquicos, uma vez que a identificação permite o simbolismo. E este, por sua vez, serve como base de toda fantasia e sublimação, os quais, em concordância com a teoria psicanalítica de Freud (1940[1938]), correspondem a mecanismos de defesa do ego mais saudáveis e socialmente aceitos. Ademais, conforme Freud (1951, p. 66): “a criança deverá aprender, sob influência do analista, como deve se comportar em relação à sua vida instintiva”.

Os contos escolhidos para as atividades trazem através do lúdico uma linguagem capaz de decifrar certos aspectos das crianças. Estes muitas vezes reprimidos pela falta de vias que proporcionem espaço de acolhimento e escuta, sobretudo em um período pós pandêmico. Como exemplo disso, olhando para a necessidade de acolhimento, no campo de estágio foi experienciado uma situação onde a criança se negava a participar das atividades. Porém, ao iniciar a encenação do conto foi envolvido pela história de “João e Maria”. De acordo com Bettelheim, neste conto que os dois irmãos são abandonados pelo pai e a madrasta, “ser expulso do lar representa ter que se tornar independente” (2000, p.100). Diante desse cenário, é possível pensar que a história atravessou a criança de tal forma, que ao ser encaminhado para realizar o desenho, a mesma fez questão de fazer dois desenhos diferentes. Ou seja, esse momento de contação, se tornou potente para esse sujeito, frente as suas questões psíquicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajuda” (CORSO E CORSO, 2006, p.303). Dessa forma, utilizar os contos como instrumento terapêutico mostrou-se oportuno e importante, pois através das narrativas foi possível acessar de forma lúdica, diferentes questões da vida psíquica dessas crianças que precisaram ser elaboradas, em especial as angústias ocasionadas pela alteração de rotina e durante a pandemia (NEUMANN, *et al.*, 2020), assim como os sintomas de ansiedade observados no campo do estágio. Assim, os contos possibilitam que as crianças acessem acontecimentos de suas próprias vivências, encontrando



uma maneira mais amena para lidar com suas emoções perante aos desafios que se apresentaram no cenário pós-pandêmico. Em síntese, contar histórias é também promover saúde mental, já que uma criança capaz de pensar já está menos doente (Diatkine, 1994a, *apud* GUTFREIND, 2003, p. 157).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bégoin-Guignard, F. (1985). L'Évolutin de la Technique en Analyse d'Enfants. In J. Gammil. *Mélanie Klein aujourd'hui: Hommage à l'occasion du centenaire de sa naissance*. Lyon: Césura Lyon. (psychanalyse).

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 21ª edição. São Paulo, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional dos Psicólogos, resolução n.º 10/05, 2005.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO Mário. **Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. São Paulo: Artmed, 2006.

FREUD, S. (1940 [1938]) **Esboço de psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII.

GUTFREIND, Celso. **O Terapeuta e o Lobo: a Utilização do Conto na Clínica e na Escola**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

NEUMANN, Ana Luisa; KALFELS, Fabiola Maria; SCHMALZ, Fernanda, *et al.* **Impacto da pandemia por Covid-19 sobre a saúde mental de crianças e adolescentes: Uma revisão integrativa**. Joinville: Synapse, 2020. Disponível em: <<https://www.editorasynapse.org/wp-content/uploads/2020/10/Pandemias-V0.pdf>>. Acesso em: 14 ago.2022.

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Metade dos adolescentes e jovens sentiu necessidade de pedir ajuda em relação à saúde mental recentemente, mostra enquête do UNICEF com a viração**. 2022. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/metade-dos-adolescentes-e-jovens-sentiu-necessidade-de-pedir-ajuda-em-relacao-a-saude-mental-recentemente>>. Acesso em: 14 de agosto de 2022.

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância. **UNICEF amplia sua resposta à covid-19 no Brasil**. 2020. disponível em:< <https://www.unicef.org/brazil/unicef-amplia-sua-resposta-a-covid-19-no-brasil>>. Acesso em 14 de agosto de 2022.